

## QUEM CHEIRA MATA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA CAPA DA REVISTA VEJA

Larissa Crepaldi Trindade  
FACOPP – Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”  
UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista  
larissa@unoeste.br

### Resumo

O presente artigo revela a importância da linguagem nas relações humanas. Mostra que a mensagem ao ser construída traz com ela muito mais significado do que aparentemente demonstra. Traz com ela toda memória discursiva do sujeito autor. Incita em todo momento conceitos pré-construídos do leitor que são acionados mesmo que inconscientemente. Trata-se da realização de uma leitura crítica em forma de análise da capa da revista Veja de 28 de outubro de 2009, semana em que a mídia anunciava mais um ato de violência ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, agora no Morro dos Macacos. O método de análise foi realizado pela corrente francesa de Análise do Discurso que não trata o sujeito como centro de toda produção discursiva e que se preocupa em realizar leituras do dito e do não-dito nas formações discursivas. O principal objetivo é mostrar a necessidade de se realizar uma leitura crítica de todo e qualquer material recebido pelos meios de comunicação e verificar que eles são dotados de intencionalidades e carregados de ideologia.

**Palavras-chave:** análise do discurso; leitura crítica; linguagem.

### Abstract

This article reveals the importance of language in human relationships. It shows that the message to be built brings with it much more meaningful than apparently shows. Brings with it all memory of the discursive subject author. Calls all the time concepts pre-built player that are triggered even if unconsciously. It is carrying out a critical analysis in the form of the cover of Veja magazine, 28 October 2009, week the media announced another act of violence occurred in Rio de Janeiro, now in the Morro dos. The method of analysis was carried out by the current French discourse analysis that treats the subject as the center of all the discursive production and who cares to hold readings said and unsaid in discursive formations. The main objective is to show the need to develop a critical reading of any material received by the media and verify that they are endowed with intentions and ideology-laden.

**Keywords:** discourse analysis; critical reading; language.



## 1 Introdução

A linguagem é elemento essencial de toda comunicação humana. É por meio dela que as relações e interações sociais acontecem. Toda comunicação tem como objetivo despertar reações ou efeitos comportamentais naqueles que a recebem, portanto, a linguagem considerada como veículo da comunicação passa a ser vista como uma forma de ação, dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia e, por esse motivo, carregada de argumentatividade.

O discurso constitui-se em uma ação verbal dotada de intencionalidade à medida que tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe de algumas de suas opiniões. “A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade”. (KOCH, 1996, p. 19).

Quando se menciona a intenção, observa-se que esse conceito é fundamental para a idéia de linguagem como atividade convencional, pois em toda atividade de interpretação presente no dia a dia das pessoas supõe-se que quem fala tem certas intenções ao comunicar-se, portanto, compreender um ato de linguagem é o mesmo que apreender essas

intenções. Não se deve tomar intenção como algo psicológico, mas simplesmente lingüístico, que é determinado pelo sentido do texto e seu futuro discursivo, ou seja, o alvo para onde o objeto discursivo aponta.

As relações discursivas ou pragmáticas são, pois, aquelas de caráter eminentemente subjetivo, já que dependem das intenções do falante, dos efeitos a que este visa ao produzir o seu discurso. (KOCH, 1996, p.33).

O presente estudo possui como aporte teórico a Análise do Discurso de linha francesa (AD) que apesar de perceber o sujeito como responsável pela produção discursiva, não o considera o centro do discurso. Consiste em analisar o processo enunciativo do corpus constituído pela capa da revista *Veja* veiculada na semana de 28 de outubro em que a mídia anunciou o crime ocorrido no Morro dos Macacos na cidade do Rio de Janeiro – RJ. O Rio de Janeiro, conhecido como a cidade maravilhosa, possui 1020 favelas sendo que 470 delas estão nas mãos de bandidos. Produz 300 milhões de reais por ano com a venda de aproximadamente 20 toneladas de cocaína. O Morro dos Macacos foi sede de mais um ataque de quadrilhas armadas quando um helicóptero incumbido de resgatar

pessoas na favela foi alvejado por tiros de armamentos pesados e caiu em chamas matando três ocupantes.

Trata-se de uma análise vertical do corpus que apresenta interesse por práticas discursivas variadas como: imagem, letra, estética, elementos gráficos etc.

O tratamento vertical do corpus deve ser considerado em relação aos objetivos da análise e à sua temática.

De acordo com Orlandi (2008, p. 63):

Essa exaustividade vertical, em profundidade, leva a conseqüências teóricas relevantes e não trata os “dados” como meras ilustrações. Trata de “fatos” da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade lingüístico-discursiva.

É importante ressaltar que a Revista Veja é um meio impresso que veicula notícias semanalmente e que pertence à Editora Abril. Orientada à classe média e classe média alta, a revista traz reportagens do Brasil e do mundo, no entanto, com maior profundidade de detalhes e também de conteúdo, promovendo relações com outros acontecimentos e fatos. Substitui com qualidade de informação as mídias eletrônicas que somente democratizam a informação, mas que

pela velocidade característica com que transmitem as mensagens impedem que o leitor realize reflexões acerca do assunto.

Diferente da televisão e dos telejornais que simplesmente realizam o anúncio da notícia, sem buscar justificativas, a referida revista trabalha com alguns aspectos críticos relacionados aos assuntos trabalhados, proporcionando um pensar diferente acerca dos fatos apresentados.

Com uma tiragem de 1.092.588 exemplares, a revista Veja possui uma penetração significativa nos domicílios brasileiros, portanto, sua capacidade de persuasão também se faz por meio da linguagem utilizada tanto nas reportagens como em sua própria capa. Não diria somente capacidade de persuasão, mas forma de conduzir o pensamento por meio de sua própria ideologia, que é transmitida através da linguagem e que se encontra marcada em suas criações.

Analisando a superfície textual desse objeto e procurando fazer o percurso discursivo surge a necessidade de se verificar para o dispositivo de análise alguns dados como: condições de produção, sujeito autor e sujeito leitor e como esse sujeito é interpelado ideologicamente pelo texto/discurso.

É importante ressaltar que a análise do discurso inaugura novas formas de ler e indica que ao realizar essa prática deve-se refletir sobre o dito e o não-dito pois ao longo de todo dizer existe uma margem de não-ditos que também significam.

O sujeito leitor se move, no espaço de interpretação, entre o dizer e o não dizer. É justamente nesse espaço que se concentra a análise baseada nos conceitos discursivos.

Portanto não há língua que não ofereça lugar à interpretação que consiste na relação da língua com a história pra significar e produzir sentidos. O processo de produção de sentidos está sujeito ao deslize, ou seja, havendo sempre um “outro” possível que o constitui que na realidade liga-se à maneira de conceber a ideologia.

A justificativa é entender o objeto de estudo como um discurso, ou seja, algo que está em movimento, que pretende encontrar eco no leitor e que provavelmente é gerador de sentidos.

A intenção é propor uma nova prática leitura que vai além do que se diz, onde o leitor procura refletir acerca do que está sendo dito, além da superfície das evidências. A criticidade está presente nesse tipo de estudo, instigando a formação de leitores

críticos de variados materiais lingüísticos.

Na primeira parte do artigo, são explicitados alguns conceitos da AD e, em seguida, é apresentada a capa da revista selecionada e a respectiva análise, enfatizando o caráter ideológico, ou seja, a formação ideológica (FI) revelada no objeto de estudo e a chamada formação discursiva (FD).

## **2 Análise do Discurso**

Quando se menciona analisar um discurso está se falando de algo em movimento, que possui lugares de junção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de trajetos, de ancoragem e de vestígios. O discurso não é apenas um texto, mas um conjunto de relações que se estabelecem nos momentos antes e durante a produção desse texto e também dos efeitos que são produzidos após a enunciação desse texto. Trata-se da observação do homem falando e da necessidade da linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.

A análise do discurso pretende conhecer melhor o que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se.

Para tanto, esse estudo leva em conta o homem em sua história,

considera os processos e as condições de produção de linguagem, analisando a relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. O analista do discurso sempre procura relacionar a linguagem à sua exterioridade, pois assim, encontrará as regularidades da língua em sua produção.

A contribuição da Análise do Discurso é justamente pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço da prática do homem. Apesar da A.D de linha francesa colocar o sujeito como responsável pela produção discursiva, ela descentra esse sujeito e relativiza sua autonomia do objeto da Linguística.

O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história e não tem controle sobre o modo como elas o afetam. Cabe dizer que o sujeito discursivo funciona pela inconsciente e pela ideologia.

Considerando, portanto, a não transparência do sujeito, a AD vai se ocupar com o que está “por de trás” dos enunciados e vai buscar no ideológico a relação entre o “dito” e o “não dito”, a partir das posições de sujeito ocupadas pelos indivíduos na sociedade.

Em um processo de análise como esse é importante considerar as

formações discursivas que levando em conta uma relação de classe e também uma formação ideológica específica, determinam o que pode e o que deve ser dito em uma circunstância dada. A formação ideológica (FI) é a posição assumida pelo sujeito e formação discursiva (FD) é o que pode e o que deve ser dito. É por intermédio da FD que as palavras recebem sentido(s). É por esse motivo que o sujeito está equivocado quando crê ser o único responsável pela produção/emissão de determinado enunciado. A AD detecta a formação discursiva que condicionou um determinado sujeito e seu discurso investigando a época, o lugar, os fatos políticos e as questões religiosas que propiciaram tal discurso.

Quando se fala na produção e efeito de sentido entre locutores no discurso é importante considerar que o esquema elementar de comunicação definida pela mensagem não é realizado de maneira linear, pode-se dizer que não se trata somente de transmissão de informação, pois a linguagem em funcionamento pressupõe relações de sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, portanto, um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos. Aqui entram processos de identificação do sujeito, de argumentação, de



subjetivação, de construção de realidade etc.

### 3 Análise da capa da revista

A análise de um discurso permite compreender a opacidade da linguagem, a determinação dos sentidos pela história e a constituição do sujeito pela ideologia e pelo inconsciente.

Toda análise se baseia na construção de um dispositivo da interpretação, que é o lugar onde de fato ela acontece. Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, ou seja, ouvir naquilo que o sujeito diz ,aquilo que ele não diz, mas que nas entrelinhas também geram sentidos. Isso não quer dizer que ela procura o sentido verdadeiro, mas o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica.

Em toda análise cabe a subjetividade de quem a realiza, pois para que se faça uma leitura crítica de qualquer material são necessários alguns conceitos pré-construídos. Deve-se lembrar também que a Análise de Discurso não procura o sentido verdadeiro, mas o real do sentido que está vinculado em sua materialidade lingüística e histórica.

A problematização se baseou em compreender as condições de

produção, bem como a relação de intencionalidade existente entre um significante visual e um significado, através da análise de signos (verbais e não verbais) constituintes do objeto de estudo.

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. (ORLANDI, 2009, p. 53).

Conforme já foi descrito, o objeto de estudo localiza-se em uma formação discursiva jornalística e encontra-se inscrito em fatos já relatados anteriormente.

A referida capa traz a construção do sujeito autor em relação ao crime na cidade do Rio de Janeiro. Faz uso de elementos lingüísticos e não-lingüísticos, ou seja, signos verbais e não verbais que funcionam como significantes para a produção de sentidos no processo analítico discursivo do objeto de estudo. A figura encontra-se logo abaixo da seção Análise da capa da revista.

Nota-se a presença de signos que fazem referência à reportagem que



envolve a criminalidade no Rio de Janeiro e referencia também a matéria interna sobre o Morro dos Macacos.

As cores que predominam são preto, branco e vermelho. Os signos não verbais que atuam no plano de expressão são uma nota de papel de R\$ 50,00 (cinquenta), uma metralhadora e um pó branco. O enunciado verbal possui relação com os outros elementos significantes da capa: “Quem cheira mata... e outras 14 verdades incômodas sobre o crime no Rio de Janeiro”.

Um elemento bastante marcante é uma arma que se posiciona graficamente na parte inferior da página e é construída (preenchida) por um pó branco. Esse pó branco atua na referenciação do objeto do discurso “cocaína”, o qual pode acionar o conceito pré-construído de que o tráfico de drogas remete à violência, e por isso uma arma apresentada em sua forma pelo próprio pó da cocaína. Importante ressaltar que existe uma memória discursiva do próprio sujeito autor ao colocar a arma como sendo algo parecido a um fuzil ou espingarda. Esse fato remete à questão de que nas favelas e morros em que ocorre o tráfico, a violência e as mortes à tiro, são realizadas por armas de grande porte, apontadas e verificadas em todas as situações em que ocorre

mortes e assassinatos nessas localidades. Várias reportagens da mídia já trouxeram a questão do armamento nas favelas e inclusive dos tipos de armas de posse dos traficantes. Trata-se de uma preocupação constante dos órgãos governamentais quanto a posse de armas pelos chefes e participantes do tráfico nas favelas.

A extremidade da arma (cano), constituído pelo pó branco que referencia a cocaína, remete a idéia de uma carreira colocada em posição de ser inalada. A fim de que se complete essa leitura o texto traz como elemento não-linguístico um canudo feito de uma nota de R\$ 50,00 (cinquenta reais). Nota-se que a materialidade significativa desse texto pede em todo momento que o leitor/receptor possua conceitos pré-construídos e, portanto, que seja capaz de fazer o caminho discursivo a partir da materialidade textual. É possível se construir a referência ao movimento que o usuário de drogas realiza ao cheirar a cocaína. O cano da arma representa a “carreira”, enquanto a nota de R\$ 50,00 representa o canudo, ferramenta que é levada ao nariz para aspirar à substância química (droga).

O dinheiro aparece como grande protagonista da cena, razão maior daqueles que traficam e a grande

dificuldade daqueles que se viciam. Tudo começa pelo desejo do dinheiro e esse dinheiro também é aspirado assim como a droga, pois aquele que consome aspira tudo de material que possui em troca do vício que já não mais consegue controlar.

Por causa do dinheiro fortes organizações de tráfico são formadas, dinheiro esse sustentado pelo vício implantado nos mais fracos usuários. Dinheiro que possibilita a aquisição de poder e armamentos e que gera discórdias, que levam à violência, uma das formações discursivas que contextualizou a produção dessa capa.

O enunciado verbal “QUEM CHEIRA MATA” está localizado acima da arma e na direção do gatilho. A tipologia toda em caixa alta bem como as cores utilizadas faz relação entre o conteúdo e a expressão elaborada a partir dos signos não-verbais. O sujeito produtor da materialidade textual conta com o enunciado verbal para que se complete o raciocínio do leitor ao estabelecer contato com outros elementos não-verbais que compõem graficamente a capa da revista.

Ocorre incômodo e estranhamento ao tomar contato com esse enunciado pelo fato de que o senso comum trabalharia esse mesmo enunciado da seguinte maneira: “Quem cheira morre”. O autor utilizou de memória

discursiva para a construção do enunciado que parafraseia todo repertório pré-construído de que quem faz uso da droga cocaína (cheira) pode morrer. Além de contar com o conhecimento prévio do leitor de que a referida droga é consumida pelas narinas, ele amplia a questão e a reflexão de que não somente morre aquele que cheira, mas também mata. Pode matar pelo dinheiro que nesse caso também figura na composição textual, pode matar por obedecer e pertencer a uma organização de narcotráfico e ainda por sentir-se ameaçado e justamente por isso, o efeito da droga não só permite morrer, mas encoraja matar.

Não se pode deixar de mencionar a intencionalidade e a referenciação das cores que produzem o enunciado. O enunciado “Quem”, é apresentado em cor vermelha, que pode submeter à figura do sujeito que realiza a ação, ou seja, cheirar e matar. Como todo sujeito é ser humano e possui sangue correndo em suas veias e também por alguma vezes objetiva o sangue quando se faz necessário, o enunciado “Quem” vem representado em vermelho, como sendo o sujeito de carne, sangue e osso e que tem por alguns momentos o “sangue” como elemento comum e corriqueiro em suas ações.





O enunciado “Cheira” que significa nesse ato a ação de cheirar a substância química referenciada pelo pó que compõe o elemento gráfico “arma”, vem representado pela cor branca, justamente para remeter e atrelar a cor branca da cocaína. O enunciado “Mata” vem representado em cor vermelha que ativa o conhecimento de que a morte representa sangue, o sangue dos assassinatos e o sangue dos corpos daqueles que cheiram e daqueles que estão sob efeito da substância e fazem uso da arma, e matam. A reticência (...) que vem logo após o enunciado “Mata” pode produzir a leitura da continuidade da violência, como algo que não se enxerga o fim ou também como o silenciar dos corpos que foram mortos pela influência do tráfico. Ainda como o silêncio que vem a após o estrondo do tiro.

Na realidade vale lembrar que o analista pode localizar o não-dito pelo silêncio que ocorre na composição da linguagem.

Este pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido. Esta é uma das formas de silêncio, a que chamamos silêncio fundador: silêncio que indica

que o sentido pode sempre ser outro (ORLANDI, 2009, p.83).

Nesse corpus especificamente trata-se de um silêncio diferente do fundador que foi mencionado acima e está mais orientado ao silêncio local que indica uma censura, ou seja, é proibido continuar dizendo o que se pensa em determinadas conjunturas. Em uma sociedade capitalista como a que vivemos que produzem relações de poder variadas sempre existe a censura, de tal modo que há sempre o silêncio acompanhando as palavras.

Abaixo desse enunciado verbal pode-se encontrar agora em caixa baixa o seguinte enunciado “... e outras 14 verdades incômodas sobre o crime do Rio de Janeiro”. A partir desse enunciado verbal o sujeito produtor auxilia o leitor/receptor a completar sua leitura, relacionando o plano do conteúdo ao plano da expressão, ou seja, a relação entre o enunciado verbal e não-verbal. O leitor tem contato com referências verbais como “crime” e “Rio de Janeiro”. Somente assim a leitura traz o referencial do assunto tratado e do local que se aplica o referido discurso. Importante ressaltar que o número 14 que consta do enunciado acima é o único na cor vermelha. Contextualizando a presença do número 14 nesse enunciado tem-se que ele vem acompanhado de “outras “

e “ verdades incômodas”, portanto, referencia 14 maneiras de crime e de violência que levam a morte, ao sangue, consequentemente referenciado a cor vermelha. Pode-se associar que essas 14 verdades estejam associadas ao tráfico, mas no entanto, para que isso se torne fato, o leitor deve se inteirar na matéria jornalística que se encontra no interior da revista.

A cor de fundo de toda a capa é o preto. Nota-se que ao fazer esse uso, o sujeito autor retomou dados de sua memória discursiva em que a morte traz o luto e o luto é representado pela cor preta. O luto pode representar a morte física, mas também pode representar a morte de espírito, em forma de protesto, pela violência. Além disso, tudo o que é negro remete à ausência de luz, como se tudo o que está se vivendo estivesse com ausência de solução, nada aparentemente está apto a resolver problemas como esse. Esse fato já é representativo de ideologia do sujeito autor ao apresentar por meio desses elementos a situação que vive a cidade do Rio de Janeiro em relação ao crime organizado pelo tráfico e a incapacidade de se vislumbrar a solução pelas autoridades brasileiras em relação ao fato.

Curioso notar que graficamente localizado na parte superior da capa, na margem esquerda, ordem pela qual se inicia o processo de leitura, aparece algo como se fosse uma luz que consegue trazer um pouco de vida àquele breu. Talvez seja a esperança do povo brasileiro e porque não falar do povo carioca que tanto já esperou, mas que não custa esperar até o ano de 2016 para que os fatos narrados possam receber a presença da luz. Trata-se de um elemento visual conhecido como cronômetro que traz o seguinte enunciado “Rio 2016 – faltam 2473 dias” tudo isso seguido pela logomarca que representa os jogos olímpicos.

É exatamente atrás e acima desse objeto que a luz aparece como um ponto de claridade diante da escuridão representada na capa da revista. É como se esse ponto de luz referenciando os jogos Olímpicos fosse de fato a solução procurada para que a violência instalada na cidade vá se esvaindo sob responsabilidade de que no ano de 2016 as pessoas que visitarão essa cidade necessitam de segurança e paz. A esperança é que esse feixe de luz tome conta de toda escuridão.

São elementos que se contrapõem no discurso, de um lado o luto pelas mortes que são geradas pela violência,



pelo dinheiro e pelo envolvimento no mundo do tráfico de drogas. Todos os signos visuais representados pela arma, droga e dinheiro se localizam graficamente na parte inferior da página de tamanho A4. O cronômetro que aponta a quantidade de dias para que aconteçam os jogos olímpicos na cidade do Rio de Janeiro está situado na parte superior. Ao se deparar com o material textual, a iluminação colocada nesse elemento visual funciona como ancoragem para o restante da leitura. Um foco na esperança, talvez imaginando que daqui há alguns anos o governo juntamente com os ministérios que planejam a segurança e as autoridades da cidade do Rio de Janeiro consigam encontrar a solução para o problema do tráfico nas favelas da cidade. Sabe-se o quanto isso repercute na segurança do cidadão morador e visitante que circulam pela cidade.

Caso isso não aconteça, toda a escuridão representada pela cor preta na capa da revista tomará conta do único ponto de luz e esperança que existe que é a melhoria da condição geral da cidade para receber atletas e turistas para assistirem ao espetáculo.

Tomara que o espetáculo seja somente de fato os Jogos Olímpicos.



FIGURA 01 – Capa da revista Veja de 28 de outubro de 2009.

#### 4 Conclusão

Quando se realiza uma análise de discurso de qualquer materialidade textual surpreende o poder da linguagem em gerar sentidos.

Nota-se a referenciação dos elementos textuais que auxiliam na produção de diversos efeitos de sentido, bem como a condição de buscar por meio da análise do discurso o que o sujeito autor quis dizer e também o que não quis dizer, mas que está implícito no discurso.

Um estudo que apresenta relevância social à medida que instiga a necessidade de se realizar uma leitura crítica de todo e qualquer material recepcionado, seja ele verbal, não-verbal ou misto. O leitor

desempenha um papel social e discursivo bastante significativo na construção dos sentidos. É justamente ele que desenvolve o papel de encontrar as marcas do enunciador no texto, desvela sua ideologia, preenche os vazios textuais e permite dessa maneira que o texto funcione corretamente.

[cobertura.shtml](#). Acesso em: 01 dez 2009.

### Referências

CARVALHO, Anneliese. **A relação entre o plano da expressão e o plano de conteúdo no processo de referenciação e produção de sentidos no texto publicitário**. Signum: Estudos da Linguagem / Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina – Nº 11/1-2008:Ed. UEL, 1998.

CORDEIRO, Isabel C. & MACHADO, Rosemeri P. B. **A presença do outro no fazer enunciativo do discurso publicitário**. XIX Seminário do CELLIP – Pesquisa em Língua e Cultura na América Latina – 21 a 23 de outubro de 2009, Cascavel, PR.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas-SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed., Campinas-SP: Pontes, 2009.

REVISTA VEJA ON LINE. Disponível em:

[http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja\\_circulacao](http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja_circulacao)